

ELEIÇÕES / Com a desistência de Sergio Moro de concorrer ao Planalto, começa a afunilar o caminho alternativo à polarização Lula-Bolsonaro. Doria reafirma candidatura, mas obteve respaldo do presidente do PSDB após ameaça de implodir o partido

Terceira via fica menos pulverizada

» DENISE ROTHENBURG

A primeira temporada eleitoral, a de filiação partidária e desincompatibilização de autoridades, termina com a perspectiva de uma terceira via à Presidência da República menos pulverizada do que estava em janeiro. Embora todos ainda se apresentem como pré-candidatos, a conversa não é mais a de ser postulante a qualquer preço, como era João Doria, ou personalistas, como era o ex-juiz Sergio Moro dentro do Podemos. A “piscada” que Doria deu esta semana, quando cogitou permanecer no governo de São Paulo, e a de Moro, mudando de partido, mostram que essas candidaturas, à primeira vista, se enfraqueceram.

João Doria jogou com a ameaça de implodir o PSDB de São Paulo e quase lançou ao espaço o acordo para o vice-governador Rodrigo Garcia concorrer como candidato à reeleição ao governo estadual. Agora, fecha esse período com uma carta do presidente do partido, Bruno Araújo, dando-lhe a garantia de que representará o PSDB na corrida pelo Planalto. Mas daí até a convenção, em julho, será outra novela. Os apelos para que Doria saísse do cargo foram mais no sentido de fazê-lo cumprir o acordo com Garcia do que propriamente disputar o Planalto. Daqui para a frente, o ex-gestor paulista terá de, com muita humildade, tentar convencer os próprios tucanos e as demais legendas de que é a melhor opção para representar esse bloco do centro, o que, até aqui, não se confirmou, nem de acordo com as pesquisas eleitorais nem no sentimento dos próprios partidários dele.

Os tucanos estão para lá de divididos. O grupo que deseja a candidatura de Eduardo Leite — que ontem deixou o governo do Rio Grande do Sul — à Presidência da República vai balançar o palanque de Doria até as convenções partidárias, que podem ser feitas de 20 de julho a 5 de agosto. Ou seja, ainda há muito tempo pela frente, e o PSDB não

Reprodução/Governo do Estado de São Paulo/YouTube



Doria ao lado do visivelmente constrangido Bruno Araújo, presidente do partido, na cerimônia em que renunciou ao cargo de governador e reafirmou a pré-candidatura

encontrou, nessa primeira fase, um caminho para unificar o partido. Para completar, a solenidade em que Doria anunciou a sua saída não teve a presença dos grandes líderes do PSDB, embora contasse com Bruno Araújo, que deu a mão ao ex-governador com um sorriso que denunciava falta de espontaneidade. Os prefeitos tucanos do interior de São Paulo, porém, fizeram as honras da casa e carregaram Doria nos ombros, quando ele deixou o auditório, em sinal de gratidão pelo trabalho do gestor.

Ao mesmo tempo em que Doria saía carregado do auditório, Moro entrou praticamente sozinho no União Brasil. A filiação foi anunciada de forma “intimista”,

quase escondida, quando comparada à festa feita pelo Podemos, em novembro do ano passado, quando Moro anunciou seu ingresso na política. Nenhum grande líder da legenda estava presente no anúncio. Essa chegada sem muita pompa é um sinal de que o partido resultante da fusão do DEM com o PSL recebe o ex-juiz num patamar diferente daquele em que ele estava dentro do Podemos. Ali, o ex-ministro da Justiça fazia o que queria. No União Brasil, a conversa é outra.

A sigla que recebe Moro é hoje tão dividida quanto o PSDB de Doria e Aécio Neves (MG). No “UB”, nem sequer o lançamento de uma candidatura presidencial é consenso. O ex-prefeito de

Salvador ACM Neto, por exemplo, um dos quadros mais importantes do partido, está focado na eleição para governador da Bahia. Os integrantes da agremiação no estado garantem que Neto não deseja candidato a presidente da República. Com a preferência do eleitorado baiano por Lula, aliados de Neto ensaiam desde já o “Luneto”, Lula-Neto, repetindo o “Lulécio” (Lula-Aécio), de Minas Gerais, em 2006, ou o “Bolsodoria”, (Bolsonaro-Doria), de 2018, em São Paulo.

Dificuldades

Os cenários e conjunturas, tanto da saída de Doria do governo do estado de São Paulo

quanto do ingresso de Moro no União Brasil, indicam que ambos terão muito trabalho para emplacar como o candidato capaz de quebrar a polarização. Doria continuará enfrentando Eduardo Leite, que permaneceu no PSDB, mas jogará por fora do partido, tentando criar um movimento em torno de seu nome. Moro, por sua vez, depende das conversas de Luciano Bivar, o presidente do União Brasil. Não está descartado, inclusive, que seja candidato a deputado federal por São Paulo, para ajudar na construção de uma bancada forte.

As demais opções interessantes em angariar apoios para concorrer ao Planalto são, hoje, a senadora Simone Tebet

(MDB), que segue com sua pré-campanha; Ciro Gomes, pelo PDT, que será candidato e não participa das conversas dos grupos que desejam construir uma candidatura única; e, ainda, André Janones, de Minas Gerais, outro que corre por fora e está longe das conversas entre PSDB, União Brasil e MDB. E quem apresentará esses três partidos é o tema da segunda temporada desta série sobre as eleições de 2022. De novembro do ano passado, quando Moro se filiou ao Podemos e Doria venceu as prévias, o cenário mudou totalmente. Agora, serão mais quatro meses até as convenções e, pelo que se desenha no horizonte, outras mudanças virão.

Ciro: “Muitos vão ceder, mas não serei eu”

Pré-candidato à Presidência da República pelo PDT, Ciro Gomes reagiu, ontem, aos movimentos de João Doria (PSDB) e de Sergio Moro (União Brasil). O tucano chegou a anunciar que ia permanecer no cargo de governador de São Paulo, o que inviabilizaria uma eventual candidatura presidencial, mas recuou, e o ex-ministro mudou de partido, desistindo da corrida pelo Planalto para concorrer a uma vaga na Câmara dos Deputados. Em postagem nas redes sociais, o pedetista ressaltou: “Muitos vão ceder, mas não serei eu”.

Ciro Gomes tem se colocado como alternativa à polarização entre o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mas não está envolvido nas conversas em torno da aglutinação de partidos do centro para lançar candidatura única ao Palácio do Planalto.

Para Felipe d’Avila, pré-candidato do Novo à Presidência, com a renúncia de Moro e a candidatura de Doria, “a terceira via ainda terá de ser depurada antes de ser unida”. “A alta rejeição era um problema para o Moro e é um problema para o Doria”, afirmou D’Avila. “A rejeição impõe um limite ao crescimento do candidato. E eles enfrentam a pressão dos pré-candidatos a deputado federal para abrir mão de suas candidaturas em razão dos recursos disponíveis do fundo eleitoral.”

Na avaliação do professor de ciência política Valdir Pucci, Doria não planejou abandonar a candidatura, como foi dado como certo antes do evento, mas, sim, fez uma jogada política para atrair holofotes e “sair de uma posição defensiva”. Assim, faz com que o PSDB, de fato, assuma a pré-candidatura

PDT Nacional/Divulgação



dele. “Doria está muito pressionado para abandonar a corrida ao Planalto e encontrou uma maneira de virar os olhos para sua candidatura à Presidência. Principalmente, tenta sair do

canto do ringue da disputa política”, afirmou. “Isso não quer dizer que a candidatura está consolidada ou que vai virar o jogo na próxima pesquisa eleitoral, mas foi uma jogada importante

do presidencial em tentativa de ser o assunto político no cenário brasileiro em um dia que teve a troca dos ministros do governo e a saída de (Sergio) Moro do Podemos para o União Brasil.”

Ciro está fora das conversas em torno da aglutinação de partidos do centro por uma candidatura única

O cientista político André Rosa também acredita que o movimento foi um “tumulto programado” e que o pré-candidato sai mais forte. “Ele causou muita colisão para ser escolhido como candidato e, antes disso, concorrendo ao governo de São Paulo. Doria está um pouco isolado, mesmo tendo vencido as prévias. Com essa manobra, o nome dele entrou na pauta nacional”, avaliou.

Pré-candidato ao governo paulista, Tarcísio de Freitas (Republicanos) avaliou que a crise no PSDB envolvendo Doria e a disputa presidencial mostra um “exaurimento” do partido. “Claramente, há um vácuo. Há uma desorganização, um desentendimento e mostra muito do que aconteceu com o PSDB nos últimos anos em São Paulo”, afirmou o agora ex-ministro da Infraestrutura do governo Bolsonaro.